

LACUNAS LEXICAIS

Amanda Tavares

Copyright © 2015 by Amanda Tavares

Texto e Fotografia

Amanda Tavares

Revisão

Amanda Tavares, Beatriz Vital, Eliza Casadei

Capa e Arte

Carolina Tavares

Produção Editorial

Carolina Tavares e Amanda Tavares

Tavares, Amanda Savioli Marques. 1992 -
Lacunas Lexicais / Amanda Savioli Marques Tavares.
Publicação Independente. Bauru, 2015.
40 p.

1. Lacunas lexicais. 2. Fotografia. 3. Perfis literários.

[2015]

Todos os direitos reservados. Toda forma de reprodução ou cópia total ou parcial sem autorização é crime.

AMANDA TAVARES

LACUNAS
LEXICAIS

1ª edição

Eliza Bachega Casadei
Orientação

Bauru
Universidade Estadual Paulista
2015

A todos aqueles que já trocaram uma palavra comigo.

sumário

10	Ngaobera Pascuense, substantivo
14	Güle güle Turco, interjeição
18	لاثم الا مل اع Árabe, substantivo
22	金継ぎ Japonês, verbo
26	Koyaanisqatsi Hopi, substantivo
30	ಕುದ್‌ಪಲ್ Tulu, substantivo
34	Saudade Português, substantivo

lacuna lexical

LINGUÍSTICA
conceito

1. Fenômeno de não-correspondência direta entre duas palavras únicas de línguas diferentes para designar o mesmo conceito.
2. Falta de lexicalização de determinado conceito observada através de comparação, descrição ou tradução de duas ou mais línguas.

ngaõbera

PASCUENSE
substantivo

1. Pequena inflamação na garganta produzida por gritar muito.

Chego à escola Ernesto Monte numa manhã de sexta-feira. Um prédio imponente, pintado de amarelo, com vista para a Praça das Cerejeiras, em Bauru. Nos tempos de sua fundação, há 80 anos e em outra locação, a escola era referência de ensino de qualidade; agora, é conhecida pelas políticas de inclusão. Ao perguntar pela minha entrevistada, Valderes Rodrigues, pedagoga e intérprete de Libras, sou conduzida pela recepcionista até uma salinha. “Val, ela gostaria de falar com você”. Valderes abre um sorriso, encerra rapidamente sua reunião e me leva até a sala de recursos, onde nosso bate-papo começa.

“Você vai me fazer perguntas muito difíceis?”, ela ri. Penso comigo: talvez a minha tarefa de entender o seu trabalho seja muito mais complicada do que a dela, de explicar. Afinal, como é que se fala com alguém sobre algo que não pode ser pronunciado? Para minha sorte, Valderes é muito didática: tem paciência para explicar, tim-tim por tim-tim, as Libras para uma leiga como eu. Ela é sorridente, transmite confiança e, até quando me corrige – “é língua de sinais mesmo, e não linguagem” –, é simpática e sutil.

Pois bem: volto a ser aluna e aprendo que é idioma, sim. A língua brasileira de sinais foi regulamentada pela lei 10.436, de 2002, e se tornou a segunda língua oficial do nosso país. Não é apenas linguagem porque possui estrutura e organização próprias, com todos os níveis linguísticos necessários - morfológico, sintático, semântico e, acredite, fonológico. Em 2005, através do

decreto 5.626, foi regulamentada também como disciplina curricular; e hoje, após os 10 anos previstos para adequação, tem-se professores de Libras nas universidades, uma graduação Letras-Libras e uma prova que certifica a sua fluência.

O curioso sobre a interpretação de Libras é que se trata de uma comunicação visual, com estrutura completamente diferente do português que grande parte dos brasileiros lê, ouve, fala e escreve. Não se trata de uma tradução direta, termo por termo, na mesma ordem – isso seria um ‘português sinalizado’. “Tenho que passar fielmente o que o outro está dizendo, mas não necessariamente com as mesmas palavras”, conta Valderes. Aliás, a língua de sinais nunca é universal: em Portugal, por exemplo, os sinais utilizados e as estruturas linguísticas são bem diferentes.

Por isso, toda frase transposta em Libras leva muito em conta a interpretação individual, a vivência de mundo, de seu tradutor. Para Valderes, essas perspectivas começaram em 1991, quando ela se formou em Pedagogia com habilitação em Deficiência da Audiocomunicação pela Unesp de Marília. Por algum tempo, trabalhou em escolas que não usavam a língua de sinais, focando-se somente no processo de oralização. Foi ao mudar-se para Bauru, em 1997, que o novo emprego lhe exigiu o aprendizado.

Hoje, Valderes trabalha com crianças surdas duas vezes por semana na sala de recursos da escola Ernesto Monte. Vejo a carinha de cada um nas fotos fixadas na porta de um armário ao

lado. O acompanhamento é feito para que esses alunos, matriculados também nos cursos regulares do ensino fundamental, possam atingir seus objetivos particulares de aprendizado dentro do grupo da classe. Clichê que sou, pergunto para Valderes como é explicar matemática para eles. Ela me diz que é fácil porque são conceitos muito concretos; o grande problema é a literatura: “a dificuldade é minha, na verdade. Trabalhar com metáforas é difícil porque eu não posso simplesmente passar aquilo daquele jeito literal, senão o aluno leva ao pé da letra, entende?”.

Valderes também me conta que a maioria dos alunos surdos usuários de Libras não escrevem. A língua de sinais é sua primeira forma de expressão; eles aprendem o português como nós, ouvintes, aprendemos o inglês, por exemplo. “Quando a gente vai para uma escola de inglês, a gente não aprende a formar palavras em inglês. A gente aprende a palavra pronta, num contexto, numa frase”, ela me lembra. É por isso que, nas primeiras séries, o contexto inclusivo acaba restringindo o vocabulário para o surdo: “a escola ensina a formar a língua portuguesa: letras, sílabas, palavras... A base é auditiva, mas o surdo não tem essa base”.

Vou fazer a próxima pergunta a Valderes, mas estou rouca e, ironicamente, minha voz falha. Achamos engraçado – é como se a vida quisesse me forçar a usar mesmo a língua de sinais. Conversamos então sobre como os surdos aprendem e Valderes diz que, de início, muitas famílias procuram terapias fonoaudiológicas para resolver esse problema da comunicação. Nem sempre o

tratamento é efetivo. Nesses casos, perde-se muito tempo sem o ensino de Libras, e então a adaptação é muito mais complicada. “Ah, se ao menos as famílias soubessem da riqueza da língua de sinais...”.

Não tenho dúvidas. As Libras são tão ricas que podem virar até música. A própria Valderes coordenou, por alguns anos, um coral de língua de sinais na cidade. A iniciativa enchia os olhos tanto pela proposta de inclusão quanto pela beleza dos símbolos – era uma maneira de expor a língua e emocionar surdos e ouvintes. O grupo era vinculado às atividades do Centrinho, o hospital de reabilitação de anomalias craniofaciais da USP, e fez apresentações em Bauru e região. Valderes conta que eles trabalhavam todos juntos nas traduções e que faziam um esforço muito grande para corresponder o ritmo da música ao dos sinais. “A gente os chamava pra colocar a mão sobre a caixa de som, pra sentir o tum, tum, tum, tum... E esse era o movimento que a gente fazia com o corpo também”, ela sorri.

Ao encerrar nossa conversa, fico um pouco triste ao pensar que os alunos de Valderes não podem perceber o tom de empolgação em sua voz quando fala sobre eles. Pffff, como se precisasse. Valderes brilha em todas as suas expressões, e tenho certeza de que esse orgulho pode ser entendido em qualquer língua, a qualquer momento. Na despedida, ela me olha fundo dos olhos e diz: “muito obrigada por ajudar a divulgar esse trabalho”. Nós é que te agradecemos, Valderes, por trazer harmonia ao silêncio.



güle güle

TURCO
interjeição

1. Adeus dito por aquele que fica.
2. Vá com um sorriso.

Outro dia, ao conversar com alguns amigos, discutimos se a despedida é mais dolorosa para quem vai ou para quem fica. Depois de algumas risadas e lembranças chorosas, chegamos à conclusão de que permanecer envolve um sentimento de abandono, mas que ser a causa dessa tristeza pode esconder uma culpa inenarrável. Dizer adeus sempre é difícil – e ainda bem que nunca vai deixar de ser! Separar-se significa perder a oportunidade de participar do cotidiano do outro; admitir que a vida continua sem a sua participação.

Uma comissária de bordo encara esse dilema todos os dias. A família e os amigos a vêem ir embora numa frequência maior do que gostariam; os turistas, sempre passageiros, reconhecem nela um porto seguro enquanto fazem suas próprias fugas. Imagino a confusão que se passa na cabeça e no coração dessas pessoas corajosas e me pergunto como conseguem manter a tão famosa compostura diante das turbulências emocionais. Gália Andreazza, ex-aeromoça, gentilmente discutiu todas essas questões comigo durante uma entrevista. Encontramo-nos num café também muito simpático em Sorocaba, indicado por ela, e conversamos, rimos e desabafamos por quase duas horas.

Gália já limita, logo de início, todas as ilusões sobre o charme da profissão. “Essa história começou sem nenhum glamour. Não era meu sonho ser comissária nem nada”, explica. O emprego apareceu anunciado no jornal; ela precisava pagar a cara faculdade de Administração e quase não tinha experiência em ou-

tras áreas. Nunca tinha entrado num avião, mas falava espanhol fluente e se virava no inglês. Na época, precisou ser emancipada pelos pais – tinha quase 19 anos, mas a maioria só vinha aos 21 – e passou por rigorosos testes físicos. “Você faz treinamento em piscinas para acidentes aéreos na água; faz a sobrevivência na selva e tem que comer bichos; corre o trajeto em casa de fumaça em 40 segundos, caso o avião pegue fogo... É horrível”, relembra.

Gália fez quase seis meses de curso antes de poder trabalhar. Ela só chegou à parte difícil porque já tinha sido aprovada nos testes psicotécnicos e psicológicos, já que a empresa aérea financiava todo o treinamento com uma espécie de bolsa de estudos. Foi numa das fases de preparação que Gália descobriu o grande desafio de ser comissária. “Ao fim do curso, o psicólogo explica os problemas que iremos enfrentar na profissão. A gente fica na ansiedade de voar, de conhecer vários lugares. Mas o glamour se perde a partir do momento em que você sabe que vai viajar, mas que vai ter uma limitação de cansaço físico e de responsabilidade”, conta. “Ele nos disse que, depois de uns dois anos, quando a empolgação acaba, você começa a entrar na síndrome da falta de vínculo”.

Foi por isso que, depois de quase 5 anos, Gália abandonou a aviação sem arrependimentos. Quando visitava um lugar pela primeira vez, por exemplo, não conseguia fazer tudo o que tinha vontade porque precisava descansar para o voo de volta. Quando retornava pela quarta ou quinta vez, a melancolia de não ter uma

companhia para explorar o que faltou incomodava. Uma vez, foi criticada pelos amigos quando disse que não queria ir à Paris. “Parece até um pouco arrogante, mas não é legal. Você quer fazer isso quando estiver de férias, mas quando estiver de férias vai querer ficar em casa, porque você não aguenta mais viajar!”, ela ri.

Por algum tempo, as relações foram complicadas. “As pessoas te convidam para os lugares, porque elas têm uma rotina normal. Chega a sexta-feira, é dia de sair, juntar os amigos e a família. Mas você não tem mais um fim de semana. A pessoa que fica sempre tem alguma coisa que você perdeu”, desabafa. Gália conta que passou inúmeros feriados se sentindo muito sozinha. Também era difícil fazer amizades no trabalho, porque não existia uma equipe fixa. “Ela era composta por quatro pessoas, um chefe e os outros auxiliares. Esse chefe ficava responsável por algumas atribuições e a gente tinha que ser subordinado a ele naquele momento. A cada hora você pegava uma pessoa diferente. Tinha que ter muito jogo de cintura”, comenta.

Ela também precisou encontrar a medida no tratamento com os clientes. “Eu não era uma pessoa com perfil de passar segurança para ninguém. Até hoje tenho medo de avião”, confessa. Gália diz que não passou por situações muito graves, mas já viu bebida voando para o alto e gente que se machucou. Às vezes, se sentia muito impotente, presa num ambiente claustrofóbico. Morreu de medo quando, na ponte aérea conturbada entre São Paulo e Rio de Janeiro, enfrentou uma turbulência à noite. “Eu nunca tinha

visto como é um raio lá de cima. É apavorante. Com o avião balançando, você pensa que vai atingir o motor e que tudo vai pegar fogo. Você não tem controle nenhum sobre nada”, relata.

Depois de sair do emprego, Gália ficou quase 2 anos sem viajar. Estava casada com um piloto, que conheceu durante o vai e vem nos céus e que continuava trabalhando. “A falta de vínculos faz com que as pessoas da aviação acabem se identificando com a profissão. Como elas se isolam de todo o resto do mundo, acabam se unindo”, ressalta. Mas ela não reclama: “a falta de rotina era a rotina ideal para a gente”. Juntos, aproveitaram as vantagens da empresa em fazer viagens internacionais, com passagens gratuitas e na primeira classe. Ao se ausentar dos aeroportos, Gália engravidou de sua primeira filha, Sophia. Estava aliviada por poder constituir a sua família.

Hoje, ela presta assessoria jurídica e comercial numa imobiliária. Sophia faz faculdade longe, mas a mãe encara as despedidas com naturalidade. A filha mais nova, Raquel, é quem lhe dá tchau todos os dias em casa. Agora, a turbulência está no casamento, mas Gália me transmite serenidade e afirma que está tudo bem. Nem precisou do uniforme de comissária para me convencer. Paro o gravador. Temos nossos compromissos; ninguém pode ficar. Não sei se nos encontraremos novamente. Se isso acontecer, tenho certeza de que vou cumprimentá-la com um grande sorriso, exatamente igual aos que estampamos em nosso adeus. A gente se vê por aí, Gália.



لَا تَمْلَأْ مِلْءَ

ÁRABE
substantivo

1. Mundo da imaginação, onde as imagens são reais.
2. Mundo das similitudes, onde as limitações corpóreas desaparecem.

Viver é colecionar imagens. Quando crianças, desenhávamos com traços bagunçados e cores desconexas aquilo que idealizamos ser o nosso mundo. Ao fazer amigos e entender nossas relações familiares, posamos para fotografias que congelam, com sorrisos, os momentos sociais que consideramos importantes. Admiramos quadros antigos achando que eles são verdadeiras janelas para o (nosso) passado; vamos ao cinema e assistimos às novelas porque todas aquelas narrativas nos parecem plausíveis. Mas, para mim, as verdadeiras imagens são as malucas, abstratas, irreais; as imagens invisíveis que criamos dentro de nós.

Essa capacidade de imaginação é o que nos salva do tédio. E, às vezes, ao apreendermos tudo através da visão, nos esquecemos de fazer a nossa parte, de colocar o nosso filtro mágico sobre a realidade cinza e lógica. Foi com essa vontade de redescobrir um pedacinho do mundo que eu decidi conhecer as pessoas do Lar e Escola de Cegos Santa Luzia, em Bauru. Eu, que me prendo tanto ao documental, ao fato, às descrições, queria saber como é que a vida assume suas cores para quem enxerga tudo escuro.

Foram duas visitas. Na primeira, numa quinta-feira de manhã, fui recebida pela terapeuta ocupacional Larissa Marchiori, que me explicou como a escola funciona e me apresentou ao pessoal. Bati um longo papo com dona Iná, uma senhora simpaticíssima que possui só 10% da visão. Ela me explicou que está se preparando: “não quero dar trabalho para ninguém”. Confesso que

estava nervosa e, apesar do clima de entrosamento, fiquei muito quieta. Na faculdade, eu havia aprendido que jornalista precisa observar e ouvir; mas, naquela situação, eu sentia que o meu silêncio era injusto e omisso. Por sorte, fui tranquilizada pela turma na sala de artesanato. “Ê assim mesmo”, eles disseram. “No começo, as pessoas falam pouco, ficam com vergonha. Depois de quinze dias, já está todo mundo conversando que nem louco”.

Dito e feito. Duas semanas depois, lá estava eu novamente. Naquela quarta-feira ensolarada, fui recebida por uma galera diferente. A maioria se preparava para o curso de massagem, oferecido no Lar desde setembro. Fui cobaia e posso dizer que os resultados estão mais do que aprovados. Conversa vai, conversa vem, e o grupo me pergunta como sou. Já estou mais à vontade e, depois de revelar que tenho 22 anos, os desafio a adivinhar. “Você tem jeito de ser morena, branca, com boca fina, olhos castanhos e o cabelo na altura do ombro”, eles detalham. Opa, foi quase – eu cortei um pouco as madeixas desde a última vez que estive lá.

Algum tempo depois, durante uma breve entrevista, Marielle Lectícia M. Arruda – uma das moças que me recebeu durante a aula de massagem – me explicou que tudo depende da fala. “As pessoas mais altas tendem a ter uma voz mais grave. Quando eu cheguei aqui no Lar, as pessoas acharam que eu era criança, novinha, por causa da minha voz. Eles falaram que eu tinha 15 anos!”, ela ri. Mariele se envolveu com o local aos poucos, sempre sob o incentivo e preocupação de Leila Romani Junqueira, a assistente

social. Leila trabalha no Santa Luzia há onze anos e, assim como eu e a Marielle, começou tímida. Com o tempo, ajudou a transformar o trabalho da entidade e aprendeu que também tinha muito o que aprender. Hoje, ela coleciona na memória as imagens dos rostos de cada um que passou por ali.

Marielle não sabe exatamente como seus colegas são, mas às vezes sonha com eles. “Quando isso acontece, eu só os vejo até aqui, na altura do pescoço”, aponta. Não me surpreendo que ela tenha muitas amizades: é engraçada, paqueradora e cheia de histórias para contar. Perdeu a visão há seis anos, devido a um descolamento de retina por causa da diabetes: “eu deitei vendo e acordei sem enxergar”. Filha de pais separados, tem 27 anos, é fã de cor de rosa pink e mora com a mãe e a filha, Lavínia, de dois anos. “A Lavínia é bem calminha, não dá tanto trabalho. Acho que ela entende que eu não enxergo, então ela não faz arte”, explica. Marielle sonha sempre com Lavínia e a avó até se surpreende, porque a filha descreve a neta exatamente do jeitinho que ela é.

Marielle tem mesmo esse lado materno aflorado. Vira e mexe, toma conta do Murilo, filho de uma super amiga. “Às vezes ela me ligava, me pedia pra ir lá cuidar dele... Sinal que ela tinha confiança, né? Mesmo com a cegueira, eu trocava, dava banho, fazia de tudo. Eu ficava com ele até na minha casa, sozinha”, ela relembra. Um dia, Murilo perguntou se a Má era cega. “Acho que foi aí que ele entendeu o que era. Agora, ele me ajuda com tudo: ‘desce, olha o degrau, buraco, cuidado Má!’”, ela ri.

Eu também conversei com Mario Antônio Slompo, um cara muito gente boa de 48 anos. Ele perdeu a visão devido a um glaucoma no olho direito e, na época, ficou depressivo. A filha quis ajudar e entrou em contato com Leila, que também o entrevistou. “No dia em que cheguei, eu gostei porque estava tendo uma festa de aniversário para um aluno daqui. Isso despertou algo em mim”, relembra Mario. Hoje, ele frequenta o Lar todos os dias: pelo o que o pessoal comenta, é o mais animado e piadista do pedaço. De segunda à sexta, Mário se divide entre o teatro, braille, terapia ocupacional, fisioterapia, empalhamento, artesanato e coral. Sobra também um tempinho para andar de ônibus, pagar as contas no centro da cidade, botar as roupas no varal, brincar com os cachorros, visitar a mãe, viajar para a praia de vez em quando e até se preparar para ser avô.

Marielle, Mario e todas as outras pessoas que conheci no Santa Luzia parecem ser mesmo muito independentes e donas de seus caminhos. Para eles, os rumos só mudam quando alguém se mete e tira algo do lugar para atrapalhar a passagem. Durante o nosso papo, Mario até filosofou: “não é que você se acostuma; você vai se adaptando”. E quem é que não faz isso, não é, Mario? Eu mesma tive que me habituar a usar lentes de contato para enxergar as coisas de outro jeito, uai. Mas acho que nós podemos ficar tranquilos: enquanto os problemas forem só com os nossos olhos, a gente dá um jeito de reinventar o mundo à nossa volta. Afinal, começo a achar que, de cego e de louco, todo mundo tem um pouco.



金継ぎ

JAPONÊS
verbo

1. Arte de consertar cerâmicas quebradas com ouro.
2. Assumir os defeitos de um objeto como parte de sua história ao invés de disfarçá-los.

Dividir a vida em pedacinhos é talvez a maneira que encontramos de atribuir-lhe sentido. Organizamos nossa existência a partir de nossos objetos, localizações e memórias; pensamos o presente como consequência do passado. Dividimos o saber em ciências para que seja mais fácil investigar os rastros e corroborar nossos pontos de vista. Seleccionamos as fendas que queremos escavar e arranjamos os cacos conforme nossos gostos e ânimos. Mas, apesar de toda a fragmentação, somos inteiros: sociedades e vidas frágeis, porém descobertas, exploradas e quase imortais.

Encontrei-me com Paulo Zanettini, historiador e arqueólogo, no escritório de sua empresa em São Paulo. Nossa conversa de quase uma hora tinha um objetivo complicado: eu queria entender o seu trabalho, a maneira como ele rearranja e reconstitui os cacos físicos e psicológicos das vidas de gente que nem conheceu. Aos poucos, percebi que nossos ofícios não são assim tão diferentes. Paulo, que coincidentemente já trabalhou em jornais, também conta as aventuras de personagens que nem sempre aparecem nos livros e revistas; traz à tona visões alternativas que reinterpretam contextos políticos e sociais. E me alerta: “cuidado com arqueólogos! Eles podem estar contando uma história que corrompe alguma coisa”.

Paulo admite que seu discurso – assim como o de qualquer outro arqueólogo, jornalista, cientista... – não é e nunca será isento. Mas isso não é um problema: ao invés de escavar a verdade,

seus projetos parecem oferecer novas possibilidades de interpretação e usos. “Existe arqueólogo de rei e rainha e tem arqueólogo preocupado com comunidades perdidas lá no meio do nada. Não existe uma arqueologia sozinha para se fazer, porque as perguntas variam de cientista para cientista”, explica. Ele também discute a pluralidade de contextos: “uma mesma peça pode ganhar, ao longo do tempo e dos espaços, e às vezes até dentro de uma mesma cultura, sentidos completamente diferentes”.

Pergunto-lhe, então, como se deram as suas escolhas. Paulo é especialista em arqueologia histórica; área que, muito genericamente, analisa os processos sociais e interações entre indígenas, africanos e europeus na América após a chegada desses últimos. Graduou-se em História e fez seu mestrado e doutorado em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, além de ter trabalhado no Departamento de Patrimônio Histórico de São Paulo por alguns anos. Quando iniciou sua formação, existiam poucos profissionais e restritas oportunidades de trabalho na área, quase todas acadêmicas. Hoje, Paulo faz consultorias e aponta o exponencial crescimento do ‘mercado arqueológico’ nos últimos 20 anos como consequência das leis que visam a preservação em construções diversas. “Todo empreendimento, seja uma estrada, uma linha de transmissão, uma ferrovia, uma barragem, uma eclusa, passou a ganhar estudos de cunho preventivo que observam o meio físico, biológico e social”, informa.

As explicações de Paulo me fazem desconstruir aquela visão

romântica de arqueólogos à la Indiana Jones que falam arqueologuês e descobrem os segredos das cavernas. Ele ironiza os jornais, que a cada semana reportam o mais antigo artefato do mundo. Percebo que as investigações são muito mais reais, palpáveis e contemporâneas. Mas ele reconhece a importância da comoção: “não quero aplacar os sonhos de ninguém, porque sonho é bonito”. Afinal, ciência é, sim, algo sensível. “É muito curioso ver jovens falando com grande amor de suas pedrinhas lascadas, que eles trabalharam em determinado sítio... Outros falam dos caquinhos dos potes que foram encontrados no litoral, dos pedaços de louça... Isso está ligado a uma vocação, um encaminhamento, um olhar que isso desperta. São marcações do coração” ele diz.

Para Paulo, uma das maiores dificuldades na arqueologia hoje é justamente criar uma sincronia, já que cada pesquisador traz consigo suas percepções, interesses e personalidade. “A divisão capitalista de trabalho separou o arqueólogo do seu objeto. Tem quem lava, enumera, analisa, escava... Tem o cara que vende, que faz o relatório, que desenha... Antes, não tinha dinheiro, era uma verba, uma bolsa acadêmica. Você lavava, passava, embrulhava, dizia, via, enumerava, fotografava e ensinava. Você tinha em mãos o conjunto das operações e mais controle sobre as variáveis”, comenta. Parece no mínimo curioso que a ciência que se propõe a ler as camadas do tempo através dos objetos também passe seus apertos para definir seus próprios ciclos.

Paulo me oferece um café e logo depois sai da sala para bus-

car alguns livros. Volta em dois minutos trazendo vários deles sob o braço. Recebo a lição de casa como presente: as obras, bem coloridas e ilustradas, são registros de várias ações arqueológicas e de preservação realizadas por sua empresa. Discutimos, então, a importância dos programas de educação patrimonial e essa nova relação de diálogo que a arqueologia estabelece com as comunidades. “Tem-se esse movimento de redescoberta, dentro de um quadro democrático, que começa a trazer essa dimensão cada vez maior de recontar para as populações o que aconteceu, de refletir sobre as nossas marcações, memórias, origens e referências”, pontua.

Fico encantada com toda essa riqueza da arqueologia. Parece que, devagarinho, ela é capaz de descobrir os segredos que se encerram em nós mesmos. Hoje, tem-se uma arqueologia dos ossos, por exemplo, que estuda marcações ainda invisíveis aos nossos olhos. Existe também uma arqueologia do espaço. “Imagina o tanto de lixo, foguetes, satélites e sei lá quantos mil artefatos que estão dando a volta na órbita?”, Paulo ri. Para meu privilégio, tive até a minha própria arqueologia! Paulo fez comigo um exercício rápido e, em alguns minutos, tentei desvendar os mistérios escondidos naqueles materiais de escritório à minha frente. Ele me fez refletir sobre os registros escritos, o posicionamento dos objetos e a relação entre eles. Foi engraçado e surpreendente. Por um lado, fiquei curiosa: eu ainda poderia fazer-lhe mais um milhão de perguntas. Por outro, fiquei satisfeita: tinha acabado de acrescentar mais um pedacinho ao mosaico da minha história.



koyaanisgatsi

HOPI
substantivo

1. Natureza fora de equilíbrio.
2. Um modo de vida tão louco que pede por outra maneira de se viver.

Visitar a casa e a família de alguém é mergulhar no caos e no equilíbrio dos outros. A gente precisa se adaptar aos gostos e hábitos daquelas pessoas, entender as regras e ordens do novo ambiente e, como manda a etiqueta, dar uma mãozinha nos afazeres domésticos que nem sempre gostamos. Saímos da nossa rotina porque entramos no mundo dos anfitriões, mas eles também fogem do cotidiano porque mantêm a pompa para nos receber. E se você der sorte e conseguir passar uma quantia razoável de tempo no lar de alguém, vai poder entender como aquela pessoa se comporta em seu habitat natural: sem pudores, preocupações ou floreios.

Tive a oportunidade de papear com José Roberto Christan, de 54 anos, no conforto da sua casa em Americana, no interior de São Paulo. Peguei carona com ele e sua família quando eles buscaram Bárbara, a filha mais velha, em Bauru. Foi ela quem me ajudou a decidir a pauta e a convencê-lo da entrevista. A viagem foi embalada pelos causos de Salete, sua mulher, que contou desde as últimas fofocas da cidade até as histórias dos tempos de namoro. Ela também manteve os olhos grudados em Bia, a irmã mais nova, o tempo todo. Bia é autista e garante as doses de alvoroço da família: senta, levanta, pula, grita, abraça, belisca, bate palmas, tira as coisas do lugar, põe de volta, pede suco, não quer mais, esperneia, sai correndo, volta, observa, fica em silêncio. Chegamos tarde. Jantamos juntos, demos mais algumas risadas e, por alguns momentos, fiquei tão à vontade que quase me esqueci de que era uma jornalista de visita.

Conversei com Beto na manhã do dia seguinte. Ele está neste livro porque decidiu arriscar e trocou de emprego aos 38 anos. Queria ser livre. Na época, tinha uma Bárbara pequenininha para criar e mal sabia que uma agitada Bia também estava à caminho. Trabalhava na farmácia do tio há 17 anos e era gerente; tinha superado a tremedeira na hora de aplicar uma injeção e sabia como organizar os remédios. Ganhava bem, mas não estava feliz. “Eu não estava rendendo o que eu poderia render... Então eu saí. Acho que pensei mais em mim do que na minha família”, reflete. Pergunto-lhe se a decisão foi difícil. “Hoje, eu acho que foi errado”, comenta. “Mas, por outro lado, se eu não tivesse saído, não teria mudado. E toda mudança que a gente tem na vida depende de uma dose de coragem”.

Beto estava insatisfeito com os horários complicados. Por mais de dez anos, trabalhou dia e noite. Tinha que estar na farmácia aos fins de semana, de madrugada e em muitos feriados. “Era muito estressante. Se tocasse o telefone em casa de madrugada, a gente já sentia aquele frio na barriga”, ele conta. Uma vez, foi salvo de uma agressão pelo dono da lanchonete vizinha durante a noite, depois de ter dobrado o turno e ter sido abordado por um homem que havia misturado medicamentos para perder peso com álcool. Em outra, teve que manter a calma enquanto um assaltante apontava duas armas para o seu peito e levava seu Ohikari – um medalhão utilizado pelos messiânicos que aplicam a oração do Johrei. Para recebê-lo, precisou fazer um curso: “depois do roubo, tive que ser outorgado novamente”.

Ainda bem que estudar não é um problema para Beto. Na época da farmácia, tentou fazer faculdade de Administração, mas teve que desistir porque não conseguia conciliar as duas coisas. Só conseguiu atingir essa meta quando começou a trabalhar na área comercial de uma empresa de concreto. “Saí da farmácia e fiquei um ano fora, procurando outros empregos. Nada deu certo! A grana acabou e eu voltei a trabalhar lá, mas como balconista. Foi bom para eu lidar com o meu orgulho. Oito meses depois, surgiu essa nova oportunidade”, explica. Os horários eram melhores e o salário também.

Para ser promovido em sua empresa, Beto precisava de um diploma de ensino superior. Decidiu então cursar Turismo no Centro Universitário Salesiano de São Paulo. “Eu fui da primeira turma a se formar. Hoje, o curso nem existe mais. Dos setenta que começaram, só vinte se formaram. Eu estava entre a meia dúzia que terminou no tempo certo, logo de primeira. Tirei nove no meu TCC, que era sobre turismo industrial”, relata. Na construtora, começou do zero e virou aprendiz do seu gerente: “estudei muito, li muito, perguntei muito... Visitei muitas obras, falei com engenheiros e arquitetos. Devagarinho fui aprendendo”, diz.

Há quatro anos, Beto mudou de emprego de novo – mas, dessa vez, continuou no mesmo ramo. Agora tem participação nas vendas da empresa, viaja por toda a região metropolitana de Campinas e não se sente preso ao escritório. “Você fala para as pessoas: ‘eu sou vendedor de concreto’. Parece uma coisa simples,

mas não é. Envolve logística, matéria-prima, controle tecnológico, ensaios de materiais, atendimento ao cliente, resolução de problemas... Eu visito, basicamente, desde pequenas obras até grandes construtoras”, explica, orgulhoso.

Começo a perceber que, para Beto, a questão não é mudar, mas sim estar certo do novo rumo. “Não faça nada na vida se você não tem muita certeza. Você vai perder muito tempo. Quando sentir alguma coisa, e mais de uma vez, é porque o universo está tentando te dizer que alguma coisa está errada”, ele aconselha. Ele diz que não quer – e não pode – parar. Pensa em fazer pós-graduação em São Paulo e não quer viver da aposentadoria, que deve chegar no próximo ano. Ao mesmo tempo, sinto nele uma tranquilidade, uma calma, que é quase contraditória.

Beto me conta que desacelerou depois de alguns problemas de saúde: “eu era muito preocupado, assumia muitas coisas, queria fazer tudo, sofria pelos outros. Não deixei de ser quem eu sou, mas parei de dar tanta importância a essas coisas”. Lembro-me de que Bárbara ficou muito preocupada com o pai e fico feliz em saber que um tenta cuidar do ritmo do outro. Acho que, no fim das contas, é na presença de suas três mulheres que Beto encontra o seu refúgio. Não é à toa que, no carro, ele dirige quieto, enquanto Salete fala pelos cotovelos – prova viva do clichê amoroso da união dos opostos. Vai ver o equilíbrio não vem da casa que construímos, mas sim das companhias que escolhemos para a empreitada.



ಕುದ್‌ಪಲ್

TULU
substantivo

1. Mulher com o cabelo despenteado, desgrenhado.

A beleza está nos olhos de quem vê, estabelece o ditado. Concordo que cada um tem – e pode ter – as suas preferências; o mundo seria chato se fôssemos todos iguais. Eu gosto de gente diferente, que se reinventa, que troca de estilo como troca de roupa. Mas também já tive muito medo de mudar: e se o cabelo curtinho não ficar bom? E se o vestido não combinar com o sapato? Eu posso arriscar esse batom vermelho? Ser mulher é acordar todos os dias com o peso de ser e estar bonita. É sentir todos os olhares sobre você e não fazer a mínima ideia da perfeição que eles tanto procuram.

Ouso dizer que toda mulher já foi a um salão de beleza; se não foi, morre de vontade de ir. A ideia de poder se transformar, de ser quem a gente não é, fascina qualquer um. Salão de beleza é lugar de segurança: ao entrar, você encontra mulheres tão preocupadas quanto você; ao sair, encaixa-se no modelo e foge das críticas. Será mesmo? Desde pequena, ouço que salão é lugar de fofoca, de competição. Uma sempre é mais bonita do que a outra.

Uns tempos atrás, vi alguma propaganda de cosmético que aconselhava: ser feliz despenteia. Nas passarelas dos desfiles invejados, cabelos milimetricamente bagunçados atraem a atenção. É irônico: a insegurança nunca acaba. Entrei no jogo, mas me rendi. E foi por isso que resolvi contar a história de cabeleireira Raquel Almeida. Separada há 11 anos e mãe de Tabata, ela batalhou para ser independente às custas do trabalho que dita – ou segue? – todos esses padrões.

Raquel nunca se ligou muito a esses estereótipos. Foi fazer o curso de cabeleireira porque estava cansada do trabalho num bar: fazia salgadinhos de domingo à domingo, se sentia presa e ficava muito tempo sozinha. A convite de uma amiga, começou as aulas numa escola em Campinas. Por dois anos e meio, passou as segundas-feiras inteirinhas fora de casa. “Eu estava fazendo o curso só por fazer mesmo. Inclusive, quando chegava gente lá na escola que queria fazer alguma coisa, eu e as minhas amigas saíamos correndo”, ela relembra.

Em casa, começou a cortar as madeixas dos vizinhos, sempre com medo de que não gostassem. Improvisava com uma cadeira da cozinha de sua mãe e lavava os cabelos na pia do banheiro. Foi ao ver os resultados caprichosos e a satisfação dos novos fregueses que Raquel finalmente tomou gosto pela profissão. A clientela aumentou e foi preciso montar um salão de verdade. “Troquei a casa que eu tinha por um sobrado que nem tinha sido rebocado. Pedi para o cara do aluguel me dar seis meses sem pagar para eu poder ajeitar minhas coisas”, explica. Aos poucos, ampliou o salão, trocou de carro e deixou tudo do jeito que queria.

Durante dez anos, Raquel fez tudo sozinha: lavava, cortava, secava, coloria, varria. Quando precisou de alguém para ajudá-la, chamou uma amiga. Hoje, trabalha com uma equipe razoavelmente grande – todas mulheres. De terça a domingo, chega às 7:30 da manhã, faz café, bate papo, e aí chama todo mundo para a labuta. Mas ela conta que, muitas vezes, a convivência não é

fácil: “cada dia é uma que não está bem, que está de mau humor, e eu tenho que ver se está tudo certo... É mais difícil lidar com as funcionárias do que com as clientes”.

Pois é: e as clientes? “Ah, tem de tudo!”, ela ri. Raquel me explica que, para fugir das saias justas, o jeito é perguntar exatamente o que a mulher não quer no cabelo. A partir daí, a profissional vai explicando e adequando o corte ou a química ao perfil da pessoa. “Às vezes, a pessoa vê um cabelo, na novela ou na Internet, e cisma que quer aquela cor. Só que nem sempre o cabelo vai chegar àquele tom. Depende da melanina, da estrutura do fio... Aí eu converso e proponho uma alternativa”, ela conta. Nos anos 90, o serviço mais procurado no salão eram os permanentes: as mãos de Raquel ficavam em carne viva por causa do produto. Hoje, a moda é alisamento e cabelo loiro. “Num dia tranquilo, eu faço no mínimo umas oito colorações de luzes”, relata.

Raquel acha que é tudo uma questão de ciclos. Já teve suas metamorfoses. Pintou o cabelo de vermelho vivo, fez mechas laranjas, dividiu o cabelo em duas cores... “Eu já fui bem perua, mas acho que é tudo uma fase. Agora que estou chegando perto de meio século de vida, tudo vai mudando, né?”, brinca. Ela mesma corta seu cabelo e usa pouca maquiagem no dia a dia. Como não gosta muito de assistir às novelas, tira suas referências dos cursos que fez. “Eu não tenho paciência. Às vezes eu assisto, mas só para ver os cabelos que as clientes pedem no salão. Também compro muitas revistas”, diz.

Pergunto-lhe de histórias engraçadas sobre suas clientes. Raquel se lembra de que, no ano passado, uma delas foi ao salão de outro cabeleireiro, muito famoso, e que ligou de lá para elogiá-la. “Raquel, tô me sentindo maravilhosa aqui no meio das ricas!”, ela reconta, gargalhando. Na época, a cabeleireira foi convidada para aparecer na televisão. Recusou. A concorrência também não a preocupa: ela crê nas decisões que toma. “Uma vez, uma cliente que tingia o cabelo de preto me ligou e disse que queria ficar loira acinzentada. Falei que não tinha jeito. Ela tinha um cabelo na cintura, lindo, brilhante. Eu aconselhei a não mexer porque achava que a cor ia ficar vermelha. Ela insistiu e eu não quis fazer. Acabou indo em outro lugar. Ficou no outro salão o dia todo, pagou uma fortuna e o cabelo ficou todo manchado. No fim, a cliente me ligou chorando”, descreve.

Fico pensando se todas essas situações afetaram os padrões da filha de Raquel. “A Tabata sempre se incomodou com os cachos e fez diversos alisamentos. Hoje, quer voltar ao natural”, comenta, curiosa. Raquel também me conta que a rotina conturbada do salão influenciou na relação com a menina. “Era o meu marido que ia às festinhas de aniversário, porque elas eram sempre aos sábados e esse é o dia em que mais trabalho. Eu também perdia várias reuniões na escola. Mas não tinha escolha: eu precisava trabalhar e queria que ela tivesse uma vida melhor”, desabafa. No fim, Tabata não quis seguir a profissão da mãe: é nutricionista. Achou um jeito de cuidar da beleza dos outros, mas sob outra perspectiva.



saudade

PORTUGUÊS
substantivo

1. Recordação nostálgica de sentimentos, experiências, lugares e eventos distantes ou passados.
2. O amor que permanece quando alguém ou algo nos deixa.

Sentir saudades é lembrar. Mas a lembrança só existe na ausência e, para suportá-la, é preciso (se) esquecer. Sentir saudades é admitir a falta – do que já não é ou do que nunca foi – e reconhecer o conforto na perda, abandono e carência. Cada pessoa sente saudades de acordo com suas referências e, quando o faz, afunda-se em dimensões de espaço e tempo alheias. Saudade é presente e pretérito, ambos imperfeitos; é desejo e privação; é excesso e detalhe. Talvez seja por isso que sentimos também tanta dificuldade em defini-la e explicá-la.

Saudade vem do latim e seu radical remete às também profundas palavras ‘solidão’, ‘saúde’ e ‘saudar’. Há também quem estude suas influências do árabe e diga que saudade alude a sangue pisado dentro do coração ou a doenças no fígado. Quem fala português se orgulha por representar a saudade na literatura, na música e na arte. Mas os falantes de outras línguas neolatinas discutem a existência de sinônimos quase exatos. Para mim, a correspondência mais impressionante é com o romeno – nele, a ideia de saudade é expressa pelo verbete ‘dor’.

Acho que saudade é a minha palavra preferida de todas. Foi ela a minha motivação inicial e o meu fundamento para escrever este livro. Quando não sei o que dizer, saudade me descreve. E o meu grande medo é de que, um dia, eu me esqueça de seu conceito ou de seus efeitos. Fico nervosa ao pensar em não conseguir empregá-la numa frase, ou então de não poder pronunciá-la àqueles que eu amo. Preocupo-me ao imaginar que talvez não

poderei ressignificá-la. Não tenho medo de morrer de saudades; fico aflita ao pensar em partir sem ela.

Descobri que, na verdade, eu tenho medo de ter a doença de Alzheimer. Essa enfermidade dói porque faz a pessoa se quebrar aos poucos – as células cerebrais começam a definhar e levam consigo as principais funções cognitivas. Perde-se não só a memória, mas a orientação, a atenção e a linguagem. O diagnóstico é arrebatador porque confirma a certeza de morte que todos nós já temos: Alzheimer não tem cura. E enquanto o paciente tenta lutar contra o relógio que, em breve, vai confundir-lo, os parentes e amigos já sentem saudade antecipadamente.

Fui ao consultório do doutor Norton Sayeg, em São Paulo, para entrevistá-lo sobre esse mal-estar. Cheguei ao seu contato após pesquisar sobre a Associação Brasileira de Alzheimer e descobrir que ele a havia fundado. Queria saber sobre suas experiências, entender os tratamentos paliativos e, principalmente, conversar com ele sobre os temas que eu não teria coragem de perguntar aos pacientes ou familiares. Minha ‘consulta’ foi bastante impessoal e breve, e ele me disse que não poderia falar sobre as emoções. Aconselhou-me a ler bastante na Internet sobre os cuidadores. Foi o que fiz – antes e depois do nosso encontro.

Norton me ajudou a compreender o básico sobre Alzheimer. Explicou-me que se trata de uma doença dependente da idade e dos outros: a grande maioria dos casos se dá em pessoas com

mais de 60 anos e, conforme os sintomas se agravam, os pacientes perdem sua autonomia. Não há como detectá-la em exames; portanto, é necessário excluir todas as outras possíveis causas de perda de memória antes de realizar o diagnóstico. O tratamento é feito com drogas bastante específicas e absolutamente sintomáticas, que apenas retardam a evolução do quadro médico. Elas agem sobre um neurotransmissor chamado acetilcolina, aumentando sua concentração nos mecanismos químicos, ou então protegendo os neurônios que ainda funcionam. Profissionais de outras áreas, como psicólogos e fisioterapeutas, também podem ajudar com reabilitações cognitivas e motoras.

As primeiras manifestações de Alzheimer são muito sutis – sabe quando a gente não repara nas coisas do cotidiano, mas depois sente muita falta? Aos poucos, as pessoas próximas ao paciente percebem mudanças de comportamento, insensatez e repetições na fala e nas ações. A parafrasia se torna frequente: ele usa artifícios para descrever as ideias que assimila, mas não consegue elucidar em palavras. Quanto mais o tempo passa, mais difícil fica viver o hoje. O portador da doença se prende às lembranças de décadas atrás porque a memória antiga é a única que ainda consegue se suportar. Ele perde a capacidade de locomoção e deixa de reconhecer suas confusões e parâmetros.

Conviver com o Alzheimer transforma a vida em luto e luta diárias. Em todos os relatos que li, os cuidadores e familiares contam que também se tornaram pacientes – em relação ao

agora e ao futuro. É preciso aprender a ceder e contentar-se com a presença física apesar da ausência de história. Na verdade, é acostumar-se com a solidão e aprender a reinventar companhias. É abraçar carinhosamente a inversão de papéis e cuidar da pessoa despersonalizada como se cuida de um filho. É dobrar a atenção, nortear-se em dobro, tomar café duas vezes, dar banho três vezes, escrever bilhetes idênticos todos os dias. É ler nas entrelinhas e ser capaz de flexibilizá-las. É inspirar confiança, ter sempre uma resposta na ponta da língua e emprestar a memória quando necessário. É registrar a sua própria biografia enquanto relembra a do outro. É ser tudo para ele, mas não ser reconhecido por nada.

Saí do consultório do doutor Norton nervosa: será que ia conseguir me lembrar de detalhes suficientes sobre ele para escrever seu perfil? Desisti de caracterizá-lo: se Alzheimer é sobre esquecimento, talvez fosse preciso generalizar. Também fui embora sem a resposta para a pergunta que mais me intrigava: afinal, quem tem a doença consegue sentir saudade? Sozinha, no ônibus, reflito sobre as possibilidades. Talvez uma resposta negativa não seja assim tão cruel: sem saudade não há melancolia, despedida, expectativas quebradas ou qualquer outra coisa que machuque a alma. Romper neurônios, diferentemente de relacionamentos, não dói. A memória é relativa. A certeza do paciente no tempo abstrato significa que seu amor está a salvo, guardado na memória que ele não consegue acessar e na lembrança de quem não consegue esquecer.



agradecimentos

As pessoas que quero agradecer são tão especiais que merecem palavras só para elas.

À minha mãe e ao meu pai, agradeço em iídiche. Espero que, com esse livro, eles sintam **nakhes**: uma mistura de alegria e orgulho particularmente vinda dos filhos. Eu amo vocês.

Em iídiche, agradeço também à minha irmã Carol por ser uma **berrieh**: mulher talentosa, competente e enérgica. Você é meu espelho e eu estarei sempre com você.

A todos os meus professores, da pré-escola à minha orientadora, agradeço em navajo: **hózh'q**. Vocês me ensinaram o conceito intelectual de ordem, o estado emocional de felicidade, a noção moral de bem, a condição biológica de saúde e bem-estar, e as dimensões estéticas de equilíbrio, harmonia e beleza.

Aos amigos, o agradecimento vem em alemão. Obrigada por acalmarem minha **torchlusspanik**: a ansiedade de que a vida está passando e as oportunidades estão diminuindo. Em suas companhias, distantes ou próximas, de longa data ou recentes, nunca há tempo perdido.

Aos amores que já não são, agradeço em francês com **retrouvailles**: a alegria do reencontro após muito tempo longe. Com vocês, aprendi a matar as saudades. Sem vocês, aprendi a não parar de escrever.

Aos meus entrevistados, obrigada em maori. Vocês foram responsáveis por **puāngi**: eu senti frio na barriga a cada encontro. Vocês me lembraram do motivo pelo qual escolhi o jornalismo.

